

Roberto Moreira, uma homenagem de colegas do departamento de Sociologia da UnB

Este ano de 2014 o Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília perdeu um de seus mais queridos professores: Roberto Sabato Cláudio Moreira, ou Roberto Moreira como era conhecido, que morreu vítima de um câncer de pulmão. Fica um vazio e a vontade de homenageá-lo, nesta revista da qual foi, por um tempo, editor. Falar do Roberto é uma tarefa ao mesmo tempo fácil e difícil. Fácil porque nos lembramos sempre de sua grande vivacidade, da rapidez do raciocínio para fazer uma brincadeira, um trocadilho, ou uma associação de ideias. Não que tivesse sempre o riso aberto, poder se ia quase dizer o contrário, ele fazia o estilo sério e não era frequente vê-lo a gargalhar. Mas isto não o impedia de carregar consigo um reconhecido senso de humor, atestado de uma inteligência rápida e de um raciocínio sempre a postos, pronto para deixar fluir uma conversa, um papo, no mais inconfundível estilo mineiro que a vinda para Brasília não lhe tirou. Difícil porque talvez por uma característica também mineira ele não se abria com facilidade, nem era dado a confidências. Alguém que o conhecesse pouco seria tentado a dizer que ele era tímido, o que não correspondia de modo algum a sua personalidade. Um temperamento fechado poderia definir com alguma precisão seu modo de ser. Sabia se guardar não se deixando desvendar, ou só o fazendo para alguns, mais íntimos. Mas não recusava um papo ainda que talvez preferisse mais ouvir do que falar, conjecturar no lugar de pontificar, problematizar ao invés de produzir afirmações categóricas. Essa talvez uma qualidade que o teria levado à sociologia.

Como sociólogo, Roberto se dedicou ao estudo da cultura, e foi um atento analista de suas várias expressões e manifestações, seja no teatro, na música, erudita ou popular, ou ainda no cinema e na literatura. Conhecia muito bem os intérpretes da vida brasileira e eram apreciadas suas aulas de sociologia da cultura ou de sociologia brasileira. Um de seus últimos textos acadêmicos foi o artigo “A revista Realidade e o Processo Cultural Brasileiro dos anos 1960” publicado no livro “O Jornal- Da forma ao sentido”, pela Editora UnB, livro organizado por Maurice Mouillaud e Sérgio Dayrell Porto, este último, meu marido.

Antes do concurso para o Departamento de Sociologia, e sempre nesta vertente cultural, Roberto teve uma passagem, rápida, pelo Departamento de Comunicação da UnB. Trabalhou

também no Centro Nacional de Referência Cultural, chamado depois Pró Memória, órgão do Ministério da Cultura, onde atuou alguns anos, inclusive como chefe de Gabinete do Ministro Aluisio Magalhães, na área do patrimônio. A experiência acumulada neste último espaço de inserção profissional contribuiu certamente para potencializar sua competência e expertise nos campos da sociologia da cultura e de sociologia brasileira.

Roberto era ainda jovem e, neste sentido, não há como não considerar que foi uma morte prematura. Ele faz falta e deixa saudades: como profissional, atuando na pesquisa, na docência e na editoria de Estado & Sociedade mas, sobretudo, como amigo. No meu caso específico um amigo de longa data, anterior mesmo a sua vinda para a UnB, amizade que iniciada nas Minas Gerais, em suas montanhas e serras, aqui se consolidou. Não posso deixar de me emocionar, ao lembrar os muitos momentos nos quais esta amizade se reforçou, como os papos, acadêmicos ou não (estes últimos lítero badalativos, como ele gostava de nomeá-los), ou como a brincadeira que ele gostava de fazer, dizendo, seriamente, que eu era sua socióloga preferida.

(Maria Stela Grossi Porto)

Gostaria de relatar um fato no qual o professor Roberto esteve envolvido e que honra e honrará permanentemente sua memória.

Estamos na década de 1990, logo após a queda do Muro e a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Alguns nomes vêm à memória: Gorbachev, Yeltsin, Ronald Reagan, Margareth Thachter e temas: o fim da história, pós-modernismo, o fim do trabalho e a perda de sua centralidade e outros.

No Brasil, é a fase inicial de implantação do neoliberalismo como política de governo.

A queda do Muro e a desagregação soviética provocou um efeito devastador sobre as ciências sociais que tinham como parâmetro, inclusive crítico, o marxismo e as assim chamadas teorias críticas.

Entre pesquisadores e docentes ocorreram conversões ideológicas fantásticas. Militantes

da antes extrema esquerda comunista transformavam-se em ideólogos liberais e pró democracia americana.

Conversões são fatos que transformam profundamente as vidas das pessoas. São Paulo, após cair do cavalo ante a imagem de Cristo que se interpôs a ele, passou de perseguidor dos cristãos a seu adepto e líder incontestado.

As conversões ideológicas e mudanças menos radicais de qualquer maneira faziam-se sentir nos colegiados dos departamentos da UnB.

Não foi de maneira diferente no Departamento de Sociologia.

Em meio a uma das tantas greves que fizemos na UnB, os apoiadores da greve eram ampla minoria na reunião do colegiado naquele dia, em que o campo majoritário queria por que queria lançar um documento contra a greve, chamando para seu fim o que afetaria a legitimidade da greve na universidade.

Nesse momento Roberto Sábato Cláudio Moreira era chefe do Departamento de Sociologia. Mais por mineirice, identidade que estava em sua raiz, mas também por uma grande dose de razões ideológicas, Roberto, para desgosto da maioria, opôs-se vigorosamente a qualquer ação, tal como produção de documento ou votação que deslegitimasse a greve e dividisse o colegiado. As greves mantinham as universidades vivas e com recursos e os docentes com salários melhores.

Este fato simples enobrece a figura de nosso querido colega, professor Roberto Sabato Cláudio Moreira, de maneira superior a qualquer elogio que viesse de sua não pequena produção acadêmica de artigos, capítulos e livros. Quem não lembra do texto de Roberto sobre o jeitinho brasileiro e seu efeito sobre a "apropriação do público em benefício do privado"!

De Roberto eu lembro o ator político, o mediador, o conciliador assim como o vigoroso defensor de causas dignas.

(Sadi Dal Rosso)

